
Revista de História e Memória mantida por grupos de pesquisa em História sediados nas universidades federais do Rio Grande do Norte (UFRN) e de Sergipe (UFS) e nas universidades Regional do Cariri (URCA) e do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)



Ana Chrystina Mignot | Imagem: [Folha de São Paulo](#)

Traços que formam

Resenha de *Exercícios de escrita: educação, memória e invenção de si*, organizado por Ana Chrystina Mignot

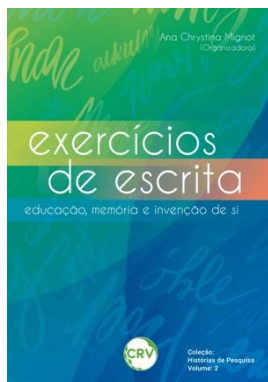
Recebido em 31/10/2025 e publicado em 20/06/2026

Rafael Borges de Oliveira (UERJ)

Resumo: *Exercícios de escrita: educação, memória e invenção de si*, organizado por Ana Chrystina Mignot, aborda a escrita de si como prática formadora e ato público. Embora apresente como limitações a ausência de uma síntese metodológica final e de um protocolo para fontes digitais, destaca-se pelo rigor analítico, pela valorização da materialidade documental, pela diversidade de fontes e pela contribuição à História da Educação.

Palavras-chave: escrita de si; história da educação; cultura escrita; memória escolar; formação docente.

O livro *Exercícios de escrita: educação, memória e invenção de si*, organizado por Ana Chrystina Mignot, publicada pela CRV em 2024, 300 páginas, integra a coleção “Histórias de pesquisa” como 2º volume e se apresenta como uma coleção que parte de uma convicção: a escola produz escrita, e a escrita produz sujeitos. O eixo que sustenta o volume propõe acompanhar como esses gestos de escrever em cartas, em diários íntimos, em jornais escolares confessionais, em manifestos da categoria, em registros carcerários, em comunidades digitais como Orkut, funcionam como forma de tomar posição, formar identidade docente, negociar autoridade moral e garantir memória. A coletânea, de autoria múltipla, assume como objetivo central tratar a escrita de si como prática formadora e ato público, inclusive quando ela aparece em suportes considerados íntimos, efêmeros ou marginais.



Esse tipo de abordagem se inscreve na tradição da História da Educação brasileira que deslocou o foco exclusivo de decretos, reformas e programas oficiais para a cultura escrita e suas materialidades. Aqui, a escola aparece como cenário vivo de conflito, negociação e invenção de si. As fontes privilegiadas são rastros produzidos pelos próprios sujeitos escolares: professoras em formação, normalistas descrevendo estágio, religiosas dirigindo colégios, presidiárias escrevendo jornal dentro da penitenciária, docentes organizando mobilização política, ex-alunos construindo memória afetiva da escola em rede social. Esse recorte corresponde à própria trajetória da organizadora. Ana Chrystina Mignot,

professora da UERJ e pesquisadora reconhecida na História da Educação, há anos trabalha com escritas de si, arquivos pessoais, cultura escolar, viagens pedagógicas, circulação de modelos educativos e memória institucional.

Os 3 primeiros capítulos se debruçam sobre correspondências e redes de sociabilidade. As cartas de figuras como Sobral Pinto e de mulheres como Liddy C. Mignone e Maria Amélia Daltro aparecem como produção de lugar social. Nela, quem escreve constrói para si uma autoridade intelectual, moral, religiosa ou pedagógica, se apresenta como alguém autorizado a falar sobre educação. O ponto central que atravessa esse bloco é mostrar quem pôde escrever e ser lido como sujeito competente no espaço educacional, especialmente mulheres e, como essa competência foi encenada na própria forma da carta. A conclusão comum nesses capítulos é que a escrita epistolar age como ferramenta de reconhecimento e memória futura, e não apenas como relato íntimo.

Em seguida, nos capítulos 4 e 5 o livro desloca o olhar para contextos de tensão institucional e política: cartas em tempos de guerra, um jornal produzido por mulheres presas na Penitenciária Talavera Bruce e documentos de mobilização do professorado mineiro no início do século XX. No jornal carcerário, escrever significa afirmar presença num espaço que tenta apagar essas vozes, registrar abuso e projetar memória para fora dos muros. Nos textos do movimento docente, professoras e professores escrevem como categoria profissional que reivindica direitos e define o próprio ofício. Esses capítulos mostram que a escola e seus entornos não são apenas espaços de disciplina; são também lugares de enfrentamento e disputa política, onde a docência se afirma coletivamente.

Adiante, nos capítulos 6 e 7, a coletânea entra na cultura material escolar e nos dispositivos de formação docente: o periódico do Colégio Jacobina, cadernos, diários íntimos e diários de estágio. O estudo sobre o Colégio Jacobina reconstrói conteúdo moral e pedagógico e as condições de produção, financiamento e circulação, tratando o impresso escolar como mediação entre catolicismo, disciplina moral e atualização pedagógica. Já os diários de estágio e os diários profissionais mostram que a futura professora não registra apenas o que

aconteceu em aula: ela aprende a narrar-se como professora. Esse tipo de escrita atua como instrumento explícito de formação docente, modelando conduta, identidade e autocontrole profissional.

Há também um capítulo, o oitavo, que trata memória escolar em contexto digital, a partir de comunidades do Orkut criadas para lembrar a escola. Para os autores, é importante enfrentar arquivos que não foram pensados como arquivos. Ao levar a sério essas postagens como: depoimentos, brincadeiras internas, lembranças de professores e rotinas escolares, o livro mostra que a escola também se prolonga no digital, e que ali se constroem narrativas sobre disciplina, afeto, humilhação, saudade, disputas de gênero e hierarquias internas. Ao mesmo tempo, o texto abre um problema metodológico urgente: como preservar esse tipo de material? Como citar? O que pode ser tornado público sem violar quem escreveu? Essa discussão não aparece como apêndice ético genérico, mas como parte da própria análise histórica: memória escolar recente existe em suporte instável, e ignorar isso significa aceitar uma perda documental irreversível.

A leitura cruzada desses blocos permite apontar duas faltas que não enfraquecem o livro, mas indicam onde ele pode render ainda mais. A primeira é a ausência de uma síntese final que coloque, lado a lado, três camadas que aparecem em todos os capítulos: (1) o suporte (carta privada, jornal escolar confessional, panfleto docente, diário de estágio, comunidade digital); (2) o problema histórico (gênero, disciplina moral, profissionalização docente, catolicismo pedagógico, conflito de classe, memória institucional); e (3) o procedimento analítico (descrição material, reconstrução de circulação, análise discursiva, leitura dos silêncios). Hoje o leitor atento consegue montar esse quadro, mas precisa fazer isso sozinho. Uma conclusão assinada pela própria organizadora, costurando essas camadas, funcionaria quase como guia metodológico para quem está entrando na pesquisa. A segunda falta é a proposição clara de um protocolo mínimo para lidar com escrita digital enquanto fonte histórica: guarda, cadeia de custódia, ética de reprodução, limites de exposição. O livro já aponta para isso quando discute o Orkut, mas não consolida ainda um caminho comum. Dado que uma das grandes teses implícitas do volume é que essas escritas importam e precisam ser preservadas, essa indicação faria diferença.

Superadas essas observações, o saldo é nítido. A coletânea trata a escrita de si de modo adulto, sem romantizar diário como “confissão verdadeira” nem carta como “voz pura”. Coloca a materialidade no centro da análise, suporte, traço, diagramação, circulação, marcas de uso, e até o *print* salvo de rede social, como parte do argumento histórico, não como detalhe estético. Funciona como instrumento de formação metodológica, porque mostra como descrever, datar, contextualizar e relacionar documentos que costumam estar guardados em caixas particulares, pastas de congregações religiosas, acervos escolares sem tratamento ou capturadas de tela salvas por ex-alunos. E recoloca religião, moral escolar, gênero, disciplina docente, conflito trabalhista e memória afetiva da escola dentro da mesma conversa, sem fingir que esses temas estão separados na realidade das instituições.

Em síntese, *Exercícios de escrita*: educação, memória e invenção de si, cumpre o que promete: Mostra que escrever é formar-se e formar o outro; que registrar é disputar autoridade e não deixar que certas experiências desapareçam; que a escola não é só currículo e norma, mas também gesto de dizer “eu estive aqui”. O livro interessa diretamente a quem pesquisa História da Educação e História cultural da escrita, mas interessa também à formação de professores e a projetos de memória institucional (escolas, congregações, redes de ensino), porque oferece ferramentas para trabalhar com cartas, cadernos, diários, jornais confessionais, registros de presídios e rastros digitais, ou seja, aquilo que a escola produz e tenta guardar, mesmo quando ninguém chamou isso de “arquivo”.

Referências

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (org.). *Exercícios de escrita: educação, memória e invenção de si*. Curitiba: CRV, 2024. 300 p.

Sumário de *Exercícios de escrita: educação, memória e invenção de si*

Apresentação

1. Sobre um homem epistolar: democracia e fé na correspondência de Sobral Pinto.
2. "O envelope e o coraçãozinho mimoso": redes de sociabilidade na correspondência ativa de Liddy Chiaffarelli Mignone para Mário de Andrade.
3. Em primeira pessoa: escrita epistolar de Maria Amélia Daltro Santos em *Cartas Serranas* (1916-1924).
4. Missão feminina em tempos de guerra: leitura de uma correspondência esquecida.
5. Escritas do cárcere: religião, maternidade e a luta de presidiárias no jornal da Penitenciária Talavera Bruce.
6. O fazer-se da categoria docente: experiências de atuação do professorado mineiro.
7. Representações do feminino no periódico do Católico Colégio Jacobina.
8. Nas ondas do mar da web: memórias escolares nas redes sociais do Orkut.
9. Por entre objetos e escritas, a consagração da escola na cidade.
10. Em práticas de escrita íntima: ideário católico na formação de professores.
11. Políticas públicas no registro diário de uma professora (2000-2001).
12. Pequenos passos e pegadas: investigando diários de estágio.
13. Para não esquecer: diários de uma educadora viajante.

Índice remissivo

Sobre a organizadora

Sobre os autores.

Resenhista



Rafael Borges de Oliveira é doutorando em História da Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Diretor no Colégio Zaccaria (RJ) e pesquisa memória institucional escolar, escrita de si e a atuação de congregações religiosas na educação brasileira entre o fim do século XIX e a primeira metade do século XX. ID Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0123743697981428>; ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-5315-3388>; e-mail: rborges@uc.cl.

Para citar esta resenha

OLIVEIRA, Rafael Borges de. Traços que formam. Resenha de: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (org.). Exercícios de escrita: educação, memória e invenção de si. Curitiba: CRV, 2024. 300 p. *Crítica Historiográfica*. Natal, v. 6, n. 29, p. 17-21, maio / jun., 2026.

© – Os autores que publicam em *Crítica Historiográfica* concordam com a distribuição, remixagem, adaptação e criação a partir de seus textos, mesmo para fins comerciais, desde que lhes sejam garantidos os devidos créditos pelas criações originais. (CC BY-SA).